



ROTA

RESISTÊNCIA E LIBERDADE

EM CASCAIS

Ao longo da história, Cascais assumiu-se como lugar de refúgio ou de exílio para homens e mulheres das mais diferentes origens, que ousaram pensar e/ou viver de forma diferente.

Em meados do século XX, quando todos os ativistas de esquerda eram perseguidos pela polícia política do Estado Novo, o concelho assistiu à organização de uma rede de casas clandestinas do Partido Comunista Português, onde se organizaram reuniões históricas, gizaram ousados planos e abrigaram os mais destacados militantes.

Cascais voltaria a acolher a resistência ao regime por ocasião do Movimento dos Capitães, a que se sucedeu o Movimento das Forças Armadas, que aqui aprovou, em 1974, as suas bases programáticas e ao qual se ficou a dever a Revolução de 25 de Abril.

CASCAIS

Tudo começa nas pessoas



Em meados do século XX, quando todos os ativistas de esquerda eram ferozmente perseguidos pela polícia política do Estado Novo, Cascais acolheu diversos militantes do Partido Comunista Português que, fundado a 6 de março de 1921, aqui organizaria uma rede de casas clandestinas.

Nestas residências cuidadosamente selecionadas tecer-se-ia a rede conspirativa que promoveu os ideais do PCP, preparando atividades e resguardando os seus militantes de exposição pública. Serviriam, assim, para esconder homens e mulheres referenciados pelas autoridades e gerir importantes estruturas de comunicação, por vezes dotadas de sistema de rádio, tipografias e canais de distribuição de material considerado subversivo. Quase sempre alugadas no final dos arruamentos da periferia das localidades, de forma a encobrir as entradas e saídas dos militantes, facilitavam também a sua fuga, em caso de necessidade. Quem aqui residia aparentava levar uma vida normal, mas era procurado pelas autoridades, pelo que tinha de mudar frequentemente de nome e de habitação... Entre 1957 e 1965, a PIDE - Polícia Internacional e de Defesa do Estado, que procurava neutralizar a oposição ao regime, com recurso à censura, à tortura e ao assassinato, assaltaria 40 destas casas clandestinas, prendendo 122 comunistas.

Cascais participou ativamente no processo de organização do PCP, que em novembro de 1943 promoveu no Monte Estoril o seu 3.º Congresso - o primeiro desde que fora remetido à clandestinidade - no qual o seu líder, Álvaro Cunhal, defenderia *A Unidade da Nação Portuguesa na Luta pelo Pão, pela Liberdade e pela Independência*. Também o 5.º Congresso, em 1957, decorreu na Casa dos Cedros, em S. João do Estoril, onde foram aprovados os primeiros estatutos do partido e se alicerçou o programa de princípios que nortearia a sua atividade durante as conturbadas épocas que se avizinhavam.

O concelho voltaria a acolher a resistência ao regime aquando do Movimento dos Capitães, a que se sucedeu o Movimento das Forças Armadas, cujas bases programáticas foram aprovadas a 5 de março de 1974 em Cascais e ao qual se ficou a dever a Revolução de 25 de Abril e a implantação de um regime democrático em Portugal.

ROTA

RESISTÊNCIA E LIBERDADE

Partamos à descoberta de histórias de resistência em nome da liberdade!

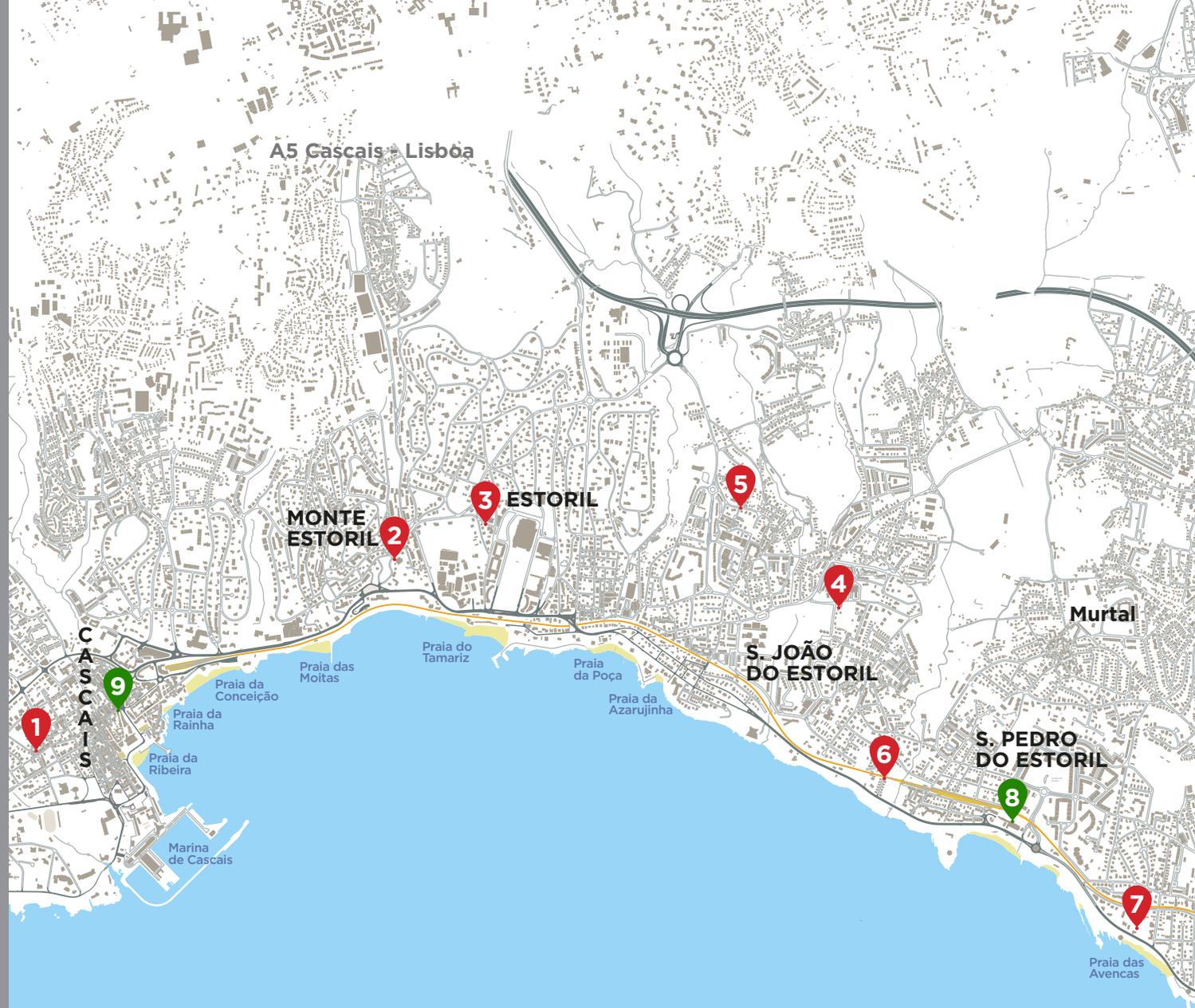
- 1 CASA EM CASCAIS
- 2 VILA ARRIAGA
- 3 CASA NO ESTORIL
- 4 VIVENDA MONTALVINHO
- 5 CASA DOS CEDROS
- 6 CASA EM S. PEDRO DO ESTORIL
- 7 CASA DAS PEDRAS
- 8 CERCA DE S. PEDRO
- 9 CASA EM CASCAIS

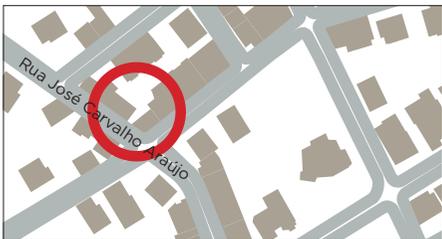


CASAS CLANDESTINAS DO PCP



CASAS DAS REUNIÕES PREPARATÓRIAS DO MFA





1 Casa em Cascais

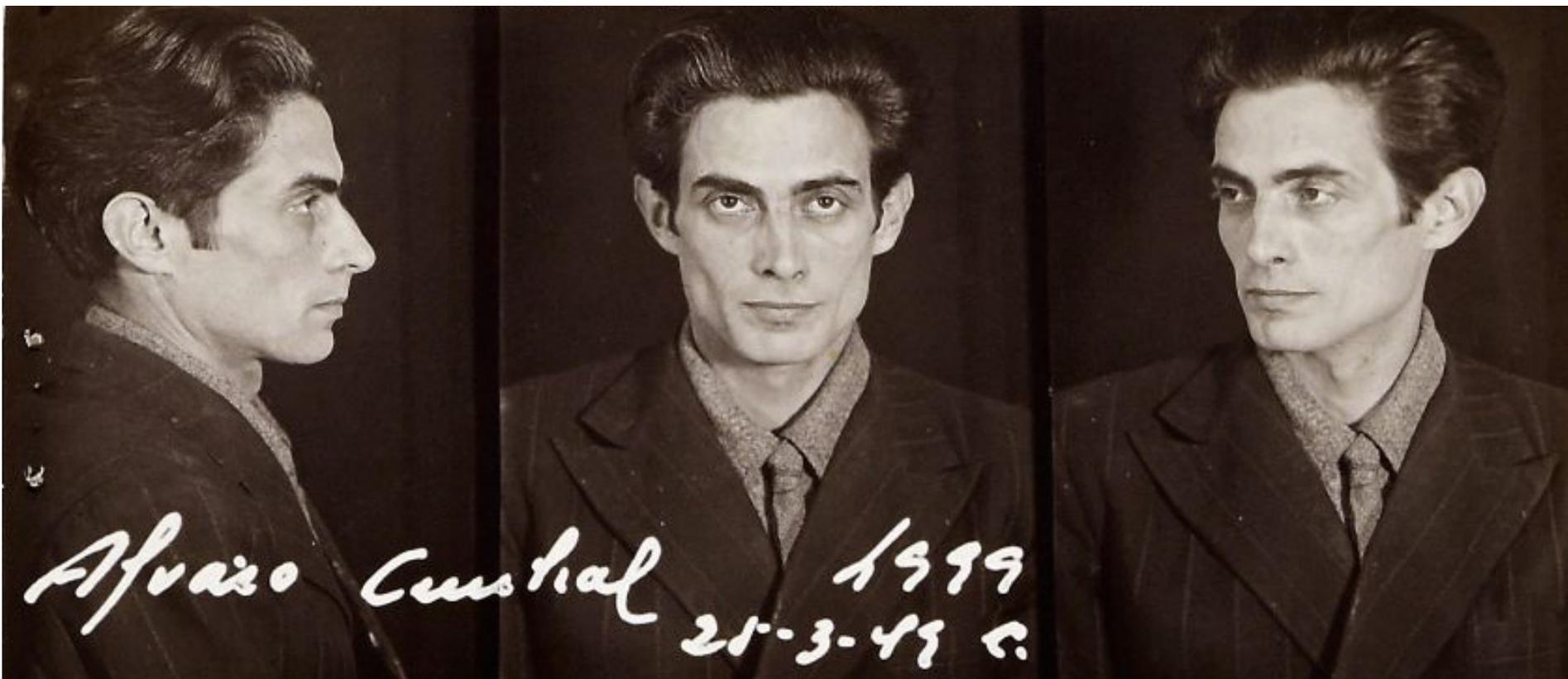
Rua José Carvalho Araújo, n.º 10, Cascais
Lat. 38.696791º | Long. -9.42584º

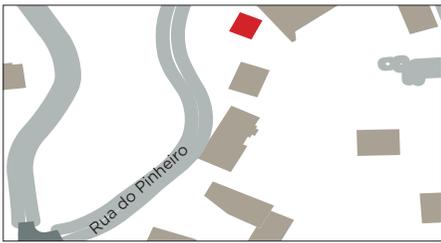
Nesta casa, já demolida, onde viveu, entre 1959 e 1960, Octávio Pato, membro do Comité Central do PCP, decorreram as reuniões preparatórias da mais mediática evasão coletiva de presos políticos em Portugal: a fuga do Forte de Peniche, a 3 de janeiro de 1960, de Álvaro Cunhal, Francisco Miguel, Guilherme de Carvalho, Jaime Serra, Joaquim Gomes e Pedro Soares, membros do Comité Central e dos militantes José Carlos, Rogério de Carvalho, Carlos Costa e

Francisco Martins. Daqui saíram na madrugada desse dia, para coordenar a arrojada operação, Octávio Pato, Pires Jorge e Dias Lourenço, que havia fugido de Peniche em 1954. Este destacado dirigente do PCP refugiou-se-ia diversas vezes no concelho, nomeadamente em Manique de Baixo (1943-44), Aldeia de Juso (1945) e no Murtal, com Georgette Ferreira (1946-47).



| | | |
|-----------------------------------------------------------------|-----------------------------------------|-------------------|
| Apelido | CUNHAL | Obs. confidencial |
| Nome completo | ALVARO CUNHAL ou Álvaro Pato | Proc. nº 76.542 |
| filho de | Alfredo Pato e Georgette de Pato Cunhal | Observ. |
| e de | Alfredo Pato e Georgette de Pato | CAPTIVAR |
| nascido em | S.ª Nova - Vila Nova | |
| | em 10/11/17 | |
| profissão | bacharel em Direito | |
| NACIONALIDADE | PORTUGUESA | |
| Mod. 61 - 100.000 ex. - 6-59 - Albano T. dos Anjos, L.ª - 66576 | | |





2 Vila Arriaga

Rua do Pinheiro, n.º 14, Monte Estoril
Lat. 38.705758° | Long. -9.404895°

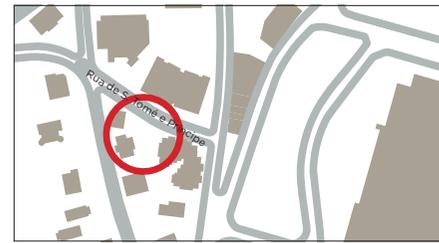
Aqui decorreu o 3.º Congresso do PCP, o primeiro na clandestinidade, de 10 a 13 de novembro de 1943, num momento crucial da II Guerra Mundial, após uma semana de greves em Lisboa. O partido já dispunha, então, de um núcleo central de revolucionários dedicados à luta contra o regime vigente. A reunião, que fora preparada secretamente em Manique de Baixo, onde se refugiava Dias Lourenço, marcou uma nova fase da história do PCP, elegendo para o Comité Central Álvaro Cunhal, José Gregório, Manuel Guedes, Pires Jorge, Sérgio Vilarigues, Alfredo Dinis e Dias Lourenço, entre outros.



Celebrar-se-ia também pela apresentação por Álvaro Cunhal do texto *A Unidade da Nação Portuguesa na Luta pelo Pão, pela Liberdade e pela Independência*, afirmando-se, então, que «As principais dificuldades estão vencidas e estamos em vésperas da formação de um organismo de unidade representativo de todas as forças antifascistas». Abria-se, desta forma, a porta ao MUNAF – Movimento de Unidade Nacional Antifascista, fundado nesse ano pelas principais forças que defendiam a democracia.



Avante! novembro de 1943

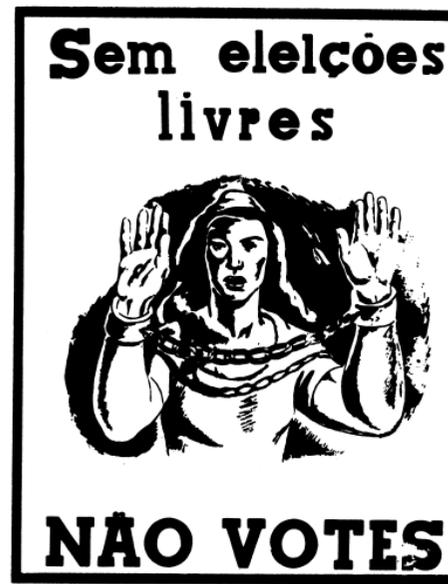


3 Casa no Estoril

Rua de S. Tomé e Príncipe, n.º 9, Estoril
Lat. 38.707489° | Long. -9.399114°

Nesta casa já desaparecida teve lugar, em 1946, uma reunião do MUNAF – Movimento de Unidade Nacional Antifascista, organização política clandestina formada em 1943, com representantes da FJCP – Federação das Juventudes Comunistas Portuguesas, em que participaram Álvaro Cunhal, Octávio Pato, Mário Soares e Salgado Zenha, entre outros. O lançamento do MUD Juvenil – Movimento de Unidade Democrática,

fetivado em reunião no Lumiar a 28 de julho deste ano, deve, pois, ter sido aqui discutido. Fundado em 1945, o MUD, movimento político de oposição ao regime, garantiria forte adesão popular, cedo vindo a ser considerado uma ameaça pelo Estado Novo, razão pela qual foi ilegalizado em 1948, por alegadas ligações ao PCP.



Cartaz do MUD, 1945



Estoril, c. 1960

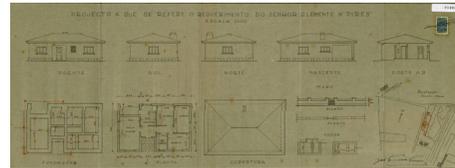


4 Vivenda Montalvinho

Rua Alexandre Herculano, S. João do Estoril
Lat. 38.703739° | Long. -9.37915°

Casa já demolida, sita nas «Areias de Cima», em S. João do Estoril, onde se refugiaria Pires Jorge, um dos orquestradores da célebre Fuga de Peniche, a 3 de janeiro de 1960, bem como Álvaro Cunhal e Jaime Serra. O líder do PCP chegou apenas com a roupa

que trazia vestida, mas com o romance *A Mulher do Lenço Preto*, que viria a ser publicado como *Até Amanhã, Camaradas* e uma versão de *Cinco Dias, Cinco Noites*. A casa foi assaltada pela DGS - Direção-Geral de Segurança, a 26 de julho de 1970.



S. João do Estoril e Galiza, c. 1960



5 Casa dos Cedros

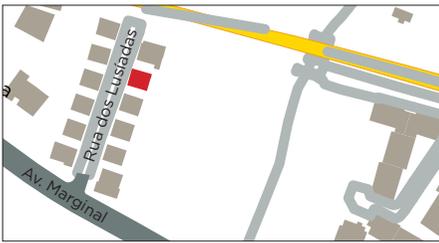
Rua do Campo Santo, n.º 153, Galiza
Lat. 38.708461° | Long. -9.384652°

Aqui se realizou, em setembro de 1957, o V Congresso do PCP, que aprovou o seu programa e estatutos, fixando, assim, os deveres e direitos dos militantes e o método de direção coletiva. Esteve igualmente em debate a questão colonial, pronunciando-se,

então, o partido pelo reconhecimento do direito dos povos das colónias à independência. Nesta ocasião o PCP recebeu também o reconhecimento dos seus congéneres estrangeiros.



Avante! outubro de 1957



6 Casa em S. Pedro do Estoril

Rua dos Lusíadas, n.º 15, S. Pedro do Estoril
Lat. 38.69595º | Long. -9.376228

Nos finais de 1952, o PCP promoveu nesta casa a IV Reunião Ampliada do Comité Central, com vista à consolidação orgânica e ideológica do partido, discutindo o panorama colonial português e definindo uma campanha de recrutamento de novos militantes. Em S. Pedro do Estoril também funcionaria no ano de 1945 uma tipografia clandestina do PCP, onde residiram José Augusto da Silva Martins e Casimira da Silva, sabendo-se que a Vila Rola, nas «Areias de

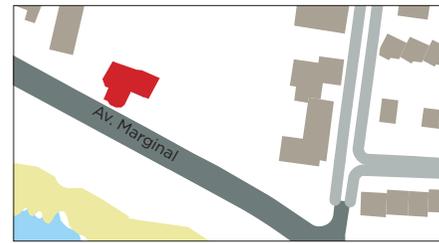
S. Pedro», serviu como casa de apoio à Direção, entre 1953 e 1963. As tipografias clandestinas, nas quais era impresso o *Avante!*, cuja publicação custou a liberdade e a vida a muitos militantes, dispunham de prelos facilmente desmontáveis e transportáveis, em caso de fuga. Utilizavam caracteres de chumbo para composição letra a letra e o finíssimo papel-bíblia, artigo de difícil aquisição face à implacável vigilância da PIDE.



Tipografia clandestina, por José Dias Coelho



Avante! dezembro de 1952

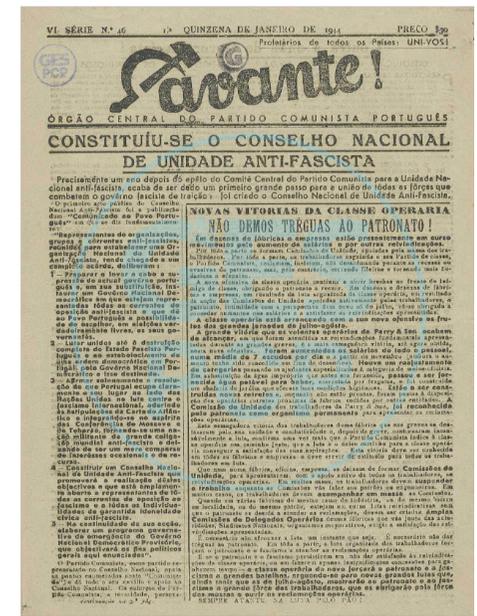


7 Casa das Pedras

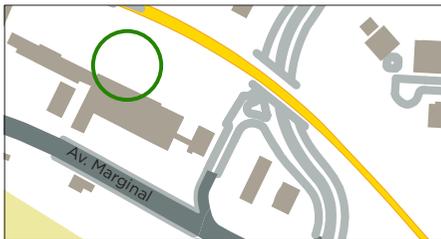
Avenida Marginal, n.º 3548, Parede
Lat. 38.689281º | Long. -9.361384º

Nesta casa mandada construir em 1903 viveu Mário de Azevedo Gomes, crítico do Estado Novo, que integrou a Aliança Republicana e Socialista, fundada em 1931 contra a ditadura imposta pela revolução de 28 de maio de 1926. Apoiou também o MUNAF – Movimento de Unidade Nacional Antifascista, criado em 1943, em que estavam representadas todas as tendências políticas de oposição ao regime. Em 1949, face à retirada da candidatura de Norton de Matos às eleições presidenciais, por falta de garantias de igualdade de participação, Mário de Azevedo Gomes, Jaime Cortesão e António Sérgio organizariam o Diretório Democrático-Social, movimento de

oposição liberal republicana ao Estado Novo. Na Parede, para além desta habitação, onde decerto decorreram reuniões políticas, existiram três casas clandestinas do PCP, utilizadas em 1947-48, por António João da Silva, Corália Moreira, Adelino Pereira da Silva, Isaura Silva e Dorília Silva; em 1957-58, por Pires Jorge, Colélia Fernandes e Maria Clementina; e em 1960, por Octávio Pato. A última casa clandestina referenciada na lista produzida pelo partido, que se edita em *60 Anos de Luta: Ao serviço do Povo e da Pátria*, situava-se na Rua João Bosco, em Alcabideche e foi utilizada por Raimundo Narciso e Maria Machado nos anos de 1969 a 1971.



Avante! janeiro de 1944



8 Cerca de S. Pedro

Cerca de S. Pedro, S. Pedro do Estoril
Lat. 38.694315° | Long. -9.368664°

Esta casa já demolida recebeu, a 24 de novembro de 1973, uma reunião clandestina em que participaram cerca de 45 oficiais representantes de todas as armas e serviços das principais unidades do país, abrindo uma fase marcadamente política do Movimento dos Capitães, que contou, entre outros, com os majores Vítor Alves e Hugo dos Santos, o capitão Vasco Lourenço e o tenente-coronel Luís Ataíde Banazol e em que se ousou, pela primeira vez, proferir a palavra Revolução. Desta forma, para além das reivindicações corporativas, passou também

a ter por objetivo o fim da Guerra Colonial e o estabelecimento da democracia. A Cerca de S. Pedro - onde, em 1971, um grupo de oficiais da Armada havia assistido, por iniciativa de Pereira Bastos, a *O Couraçado de Potemkine*, cuja exibição estava proibida em Portugal - situava-se nas traseiras da Colónia Balnear Infantil de *O Século*, «retirada das vistas de estrada, com recinto murado» e foi cedida para a reunião de 1973 por um ex-capitão miliciano, filho do historiador e arqueólogo Leonel Ribeiro.



Cerca de S. Pedro antes da demolição, c. 2000



S. Pedro do Estoril, c. 1960

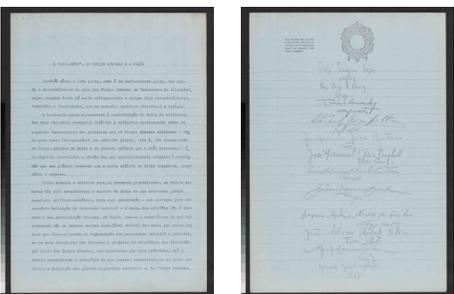


9 Casa em Cascais

Rua Visconde da Luz, n.º 13, Cascais
Lat. 38.698545º | Long. -9.420885º

A 5 de março de 1974, no ateliê do arquiteto Braula Reis, «arranjado pelo major Sanches Osório, era já noite, quando o soalho dum modesto e acanhado primeiro andar fletia sob o peso das inúmeras presenças (cerca de 200 oficiais dos 3 ramos das Forças Armadas)», como o descreveria o capitão Diniz de Almeida. Aqui decorreria nova reunião clandestina do Movimento das Forças Armadas, onde se aprovou o texto base do

seu programa: *O Movimento, as Forças Armadas e a Nação*. A Revolução de 25 de Abril de 1974, também conhecida por Revolução dos Cravos, liderada por este Movimento, depôs o Estado Novo, assegurando a implantação de um regime democrático em Portugal, baseado na nova Constituição, que entrou em vigor a 25 de abril do ano seguinte.



Abaixo-assinado dos oficiais do Exército de apoio ao documento *O Movimento, as Forças Armadas e a Nação*, 1974



República, 25 de abril de 1974